

ANEDOTAS, FRAGMENTOS, TRECHOS, BLOGS: INFORMAÇÕES NO SÉCULO XVIII*

Robert Darnton**

Ao ler a obra de Daniel Roche, sente-se a presença de um enorme conhecimento, mas também - e este é um aspecto de seus escritos que guarda relação com as de Marc Bloch e Lucien Febvre – percebe-se a advertência contra o perigo que assombra qualquer investigação histórica: o anacronismo. Para nós, Históriadore, o anacronismo pode ser considerado como o pecado original. Inconscientemente, tendemos a incorrer num erro fundamental, que é assumir que nossos ancestrais habitavam um mundo mental que se assemelha ao nosso. Eis a razão de, em estudos da sociedade do Antigo Regime, todos os caminhos parecerem levar à Revolução. Daniel Roche soube evitar essa armadilha porque ele não se apegou aos lugares comuns da história socio-cultural. Em vez de ficar em Paris, ele descobriu a “república das letras” nas academias provinciais e, sem negar a importância óbvia dos grandes filósofos, nos apresentou o Iluminismo tal como vivido por um plebeu, o vidraceiro Jacques-Louis Ménétra. A obra inteira de Daniel Roche reflete o cuidado de respeitar o passado naquilo que constitui a sua originalidade, em vez de reduzi-lo a uma perspectiva delimitada pelas preocupações do presente.

Assim, é com certo peso na consciência que me valho do conceito de *blog*, um evidente anacronismo, para tentar compreender um aspecto pouco conhecido dos sistemas de comunicação no século XVIII. Que ninguém me entenda mal: eu sei que os blogs nascem da tecnologia moderna e fazem parte da “sociedade de informação” do século XXI, que tem pouca semelhança com a sociedade do Antigo Regime. Apenas a título de provocação é que aplico o conceito de *blog* a um aspecto pouco conhecido das ideias difundidas há dois séculos e meio por uma classe ignóbil, mas importante, de homens de letras: os escrevinhadores obscuros. Eles publicavam livros, é verdade, mas trabalhavam principalmente com anedotas e fragmentos de informação que podem ser considerados, guardadas as devidas proporções, como *blogs* pré-modernos.

* Texto originalmente escrito para um festschrift em honra ao eminente Históriador francês Daniel Roche, publicado sob o título *Anecdotes, fragments, bribes, blogs: l'information au XVIIIe siècle*, em *Histoire et civilisation du livre - Revue internationale*, vol. 7 (2011). A travers l'histoire du livre et des Lumières. Etudes d'histoire du livre offertes au professeur Daniel Roche. Tradução de André Dione Fonseca, doutorando em História Social (FFLCH/USP) e Eduardo de Melo Salgueiro, doutorando em História (PPGH/UFGD, bolsista Capes). Os tradutores agradecem a gentileza do professor Robert Darnton por autorizar a tradução e a publicação deste texto.

** Professor Carl H. Pforzheimer da Universidade de Harvard e Diretor-geral da Biblioteca da mesma instituição. Atualmente é o responsável por digitalizar e tornar acessível gratuitamente pela internet o conjunto da produção intelectual da referida universidade norte-americana. No Brasil, publicou, entre outros livros, *Boemia literária e revolução* (Cia das Letras, 1987), *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (Graal Editora, 1988), *O Iluminismo como negócio* (Cia das Letras, 1996), *Best-Sellers proibidos da França pré-revolucionária* (Cia das Letras, 1998), *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII* (Cia das Letras, 2005), *O beijo de Lamourette* (Cia das Letras, Livro de Bolso, 2010), *A questão dos livros: passado, presente e futuro* (Cia das Letras, 2010).

A exemplo de Daniel Roche, consagrei-me ao estudo de obras do Antigo Regime. Porém, examinando com atenção certos livros, descobri que eram formados de diversas passagens retiradas de outros livros, que por sua vez eram colagens de livros precedentes. A unidade fundamental do processo de comunicação não era esse bloco de cadernos costurados e encadernados a que chamamos livro, e sim breves episódios, muitas vezes limitados a um curto parágrafo, conhecidos no século XVIII sob o nome de “anedotas” ou “retratos”.

Fique claro, porém, que nem todas as obras da época eram plágio ou decalque. O fenômeno era inerente a uma categoria específica, designada à época como “libelos” (escritos escandalosos que feriam a honra de uma pessoa importante). Tomemos como exemplo um dos libelos mais difundidos na década de 1780, *Vie privée de Louis XV, ou principaux événements, particularités, et anecdotes de son règne* (1781). Vista nas prateleiras de uma biblioteca, parece uma obra sólida: quatro grandes volumes que contam a biografia do Rei, ligada à história da França (1715-1774). Examinado de perto, é curioso, porque o texto não tem nenhuma articulação interna, excetuando-se alguns anexos e documentos justificativos. O texto flui ao longo dos quatro volumes sem divisão em livros, partes ou capítulos. O único sinal tipográfico que detém o olhar do leitor é o recuo do parágrafo. Os parágrafos são justapostos uns aos outros, de molde a parecer uma narrativa, quando são de fato unidades autônomas, cujos equivalentes podem ser encontradas em outras obras.

Assim, na página 33 do segundo volume, nos deparamos com o seguinte retrato da Condessa de Vintimille, uma das primeiras amantes de Luís XV:

Ela era ativa, empreendedora, invejosa, vingativa, amava governar e ser temida, tinha poucos amigos e não fazia caso de fazê-los, pensando apenas em seus interesses, não tendo outro propósito senão o de se aproveitar da fraqueza de seu escravo, e certamente ela teria tudo conquistado se a morte não lhe tivesse impedido em início de carreira. Faleceu quando dava à luz, sob suspeita de envenenamento.

O retrato acima foi retirado de outro libelo, *Mémoires secrets pour servir à l'histoire de Perse*, publicado em 1745, página 76, e, cotejando-se as duas passagens, vê-se que o autor da segunda versão acrescentou alguns detalhes para tornar sua versão mais picante. No original, Luis XV não é tratado como escravo e Mme. de Vintimille não morre por envenenamento:

Ela era ativa, empreendedora, invejosa, vingativa, amava governar e ser temida, tinha poucos amigos e não fazia caso de fazê-los, pensando apenas em seus interesses, não tendo outro propósito senão o de se aproveitar de tudo em seu favor; e certamente ela teria tudo conquistado se a morte não lhe tivesse detido em início de carreira. Em uma palavra, como era uma amante predileta e perigosa, poucos choraram sua morte, ocorrida em trabalho de parto.

A reciclagem não para por aí, pois a mesma descrição aparecerá um ano depois, em *Les Fastes de Louis XV, de ses ministres, maîtresses, généraux, et autres notables person-*

nages de son règne (1782), volume I, página 119, desta vez, sem a mínima alteração.¹ O autor anônimo deste último escrito (na verdade, o aventureiro panfletário, Pierre-Ange Goudar) não faz segredo algum de sua propensão para o plágio, já que ele mesmo diz num prefácio: “Assim como ele [o autor de *La Vie privée de Louis XV*, que M. Goudar trata de plagiário], nós compilamos, nós somos um pouco corsários; e tudo aquilo que é bom nos parece (como a muitos outros) aproveitável”.² Esse gênero de pirataria era muito conhecido entre os leitores bem informados da época. No resumo de um libelo mal redigido (*Le Vol pus haut ou l'espion des principaux théâtre de la capitale*, 1784), um dos autores de *Mémoires secrets pour servir à l'histoire de la république des lettres en France*, observa que somente trechos bem escritos eram copiados de outros libelos: “As coisas boas encontradas no texto foram extraídas do *Espion anglais*, das *Mémoires secrets*, das *Memóires de l'abbé Terray*, da *Gazette littéraire de l'Europe*, etc.”³

Se fôssemos ler atentamente essas obras e outras do gênero, encontraríamos centenas de passagens extraídas de um texto e reutilizadas em outro. Outro exemplo é a típica história sobre as primeiras amantes de Luis XV. Ela aparece pela primeira vez em *Les amours de Zéokinizul, roi des Kofirans* (1746), página 36:

Ninguém houve antes de Jeflur [Fleury conforme a chave desse roman à clé],⁴ que, para impressionar o povo, esbravejasse contra a conduta do rei. O monarca não gostou muito que ele tenha ousado fazer críticas sobre esse tema. Eu vos sub-roguei a condução do meu reino, disse ele amargurado; espero que vós me deixeis ser o mestre de mim mesmo.

Na *Vie privée de Louis XV* (1781), volume II, página 31, a história é mais hostil em relação a Fleury:

A fim de impressionar a nação, motivo secundário dos desregramentos de seu augusto protegido, ele foi hipócrita ao ponto de ousar lhe fazer críticas. *Eu vos sub-roguei a condução do meu reino*, respondeu amargamente sua majestade; *espero que me deixeis ser o mestre da minha própria conduta*.

Les Fastes de Louis XV (1782), volume I, página 117, retoma esta última versão, palavra por palavra.

Alterações dessa espécie encontram-se por toda a parte, ilustrando o processo de adulteração que acompanha os plágios. Por exemplo, o autor anônimo (provavelmente Antoine Pecquet, funcionário descontente do Ministério dos Negócios Estrangeiros) de *Mémoires secrets pour servir à l'histoire de Perse* (1746, p. 22), lamenta a subserviência do rei à Duquesa de Châteauroux nos seguintes termos:

¹ Há pelo menos outro exemplo de plágio da descrição: *Les amours de Zéokinizul, roi des Kofirans* (1746), p. 38, mas ele se limita a uma única frase: “...orgulhosa, vingativa, zelosa unicamente de seus interesses e buscando sempre se aproveitar...”

² *Les Fastes de Louis XV, de ses ministres, maîtresses, généraux, et autres notables personnages de son règne* (« à Ville-Franche, chez la Veuve Liberté », 1782), I, xiv.

³ *Mémoires secrets pour servir à l'histoire de la république des lettres en France*, artigo de 19 de dezembro de 1784.

⁴ Roman à clef, ou roman a cle ([ro.mã a klê], expressão francesa cuja tradução aproximada é "romance com chave"), designa a forma narrativa na qual o autor trata de pessoas reais por meio de personagens fictícios. N.T.

A estima dessa mulher cresceu tanto, que se temia que ela própria se tornasse a governante de fato.

Quando Bartolomeu Francisco Mitten Angerville, o autor anônimo da *Vie privée de Louis XV* (...1781, vol II, p 127), retoma essa frase, ele reforça a malícia:

A estima da nova amante tornou-se tão grande que começaram a pensar que era de fato ela quem governava a seu real escravo.

Em certos casos, a reciclagem era resultado de relações pessoais. Moufle d'Angerville deu continuidade às *Mémoires secrets* após a morte de seu autor principal, Mathieu-François Pidansat de Mairobert, em 1779. Ambos os escritores pertenciam ao salão de Marie-Anne Doublet de Persan, onde se fazia propaganda anti-Maupeou durante a crise política de 1770-1774. Inicialmente difundidos sob a forma de gazeta ou de novelas manuscritas - mais tarde como crônica escandalosa, impressa em 36 volumes -, as *Mémoires secrets* forneciam um repertório inesgotável de anedotas sobre Luis XV, suas amantes e seus ministros. Desses escritos é que Moufle d'Angerville extraiu grande parte do material utilizado na *Vie privée de Louis XVI*; e as *Mémoires secrets* prestavam-se muito bem a esse gênero de compilação, já que seus textos nada mais eram que uma série de episódios, normalmente consignados em um único parágrafo, que se seguiam ao longo dos 36 volumes, sem nenhum encadeamento afora a cronologia.

Mairobert trabalhava da mesma forma quando produzia seus próprios libelos, notadamente *Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry*, outro *best-seller* e primo-irmão da *Vie privée de Louis XVI*. Encontra-se em ambos os livros vários trechos retirados de outras fontes, sobretudo da literatura panfletária contra o Ministério do Chanceler Maupeau: *Journal historique de la révolution opérée dans la constitution de la monarchie française par M. de Maupeou, chancelier de France* (1774-1776, 7 volumes), *Correspondance secrète et familière de M. de Maupeou avec M. de Sor***, conseiller du nouveau parlement* (1771, 3 volumes), *L'Observateur anglais, ou correspondance secrète entre Milord All'Eye et Milord All'Ear* (1777-1778, 4 volumes), *Cœufs rouges. Première partie. Sorhouet mourant à M. de Maupeou, chancelier de France* (1772, 1 volume) e *Mémoires de l'abbé Terray* (1776, 2 volumes). Mairobert, Moufle e vários outros produziam anedotas a mancheias para essa vasta literatura. As opiniões pré-concebidas e o espírito contestador perfazem um todo coerente, porém, sem querer subestimar seu viés político, eu gostaria de insistir sobre sua forma e técnica de elaboração, retomando o conceito-chave de anedota.

A importância das anedotas, claramente expressa no título das *Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry*, é explicada no prefácio do livro:

Embora esta obra trate em detalhes da vida da condessa do Barry, o autor, evitando qualquer ar de pretensão, preferiu-lhe o título modesto de *Anecdotes*. Ele passa ao largo da ordem, das transições e da gravidade de estilo, o que tornaria o texto empostado... No mais, não é preciso dizer que, após cuidadoso exame, se tenha recolhido sem

nenhum critério fábulas e absurdos vividos por essa célebre cortesã. Ver-se-á que, do seu nascimento à sua aposentadoria, de tudo quanto se afirma são apresentadas provas. Obedecem-se, no caso, as regras escrupulosas do Históriador profissional.⁵

Os libelistas, com efeito, frequentemente adotavam a postura de Históriador como estratégia para fisgar o leitor, oferecendo-lhe uma narrativa tão saborosa quanto supostamente verídica. Um leitor sofisticado seria capaz de entender o ardil dessa retórica, mas o conceito de anedota nada tinha de fictício, ou quase nada. Todos os dicionários da época estavam de acordo quanto à definição do termo: “particularidade secreta da história: que tenha sido omitida ou suprimida pelos Históriadores precedentes”. E eles citam o mesmo exemplo: “A história anedota de Procópio”.⁶

A referência a Procópio traduz a noção de *história secreta*: narrativa de episódios da vida privada de personagens públicas; história verídica, mas oculta, e que não pode ser incluída em versão oficial. Procópio, Históriador bizantino do século VI de nossa era, em seus escritos clandestinos, oferecia o modelo, onde ele revelava a imoralidade do Imperador Constantino e de sua esposa Théodore, as figuras mais nobres que ele celebra em suas obras não apócrifas. O artigo *Anecdotes* da *Encyclopédie* resume a essência dessa visão da história:

Anedotas, nome que os gregos davam às coisas tornadas públicas pela primeira vez... Esta palavra é utilizada na literatura para designar histórias secretas de fatos que se passam nos bastidores da corte e no misterioso mundo da política... Procópio intitulou de “anedotas” o livro em que ele pinta em cores sombrias o Imperador Justiniano e Teodora, esposa deste príncipe.

Embora em desuso atualmente, essa concepção do anedótico subentende um *corpus* considerável de *vies privées* e de *vies secrètes*, que perpassam todo o século XVIII. O grupo de estudos de Lyon, de Olivier Ferret, Anne-Marie Mercier-Faivre e Chantal Thomas, que prepara o *Dictionnaire des vies privées*, registrou 140 dessas publicações entre 1777 e 1830. Eles variam de tamanho e forma - a *Vie privée de Louis XVIII* tem apenas quatro páginas, enquanto que a de Luís XV perfaz quatro volumes – mas a unidade básica é sempre a mesma: crônicas do cotidiano, geralmente reduzidas a um parágrafo, que proporcionam ao leitor o deleite das coisas miúdas.

Como a história migra de livro em livro, ela é autônoma; em muitos casos, não passa de um papelzinho que se carrega no bolso ou nas mangas, donde é sacado para deliciar os curiosos, nos cafés ou parques. Quando a polícia revista algum prisioneiro na Bastilha, frequentemente descobre esses rabiscos em verso ou prosa. Uma porção deles foi encontrada em 2 de julho de 1749, quando da detenção de Mairobert, descrito em sua ficha nos arquivos da Bastilha como “um jovem que apreciava versos conhecidos, maliciosos que fossem, e que os carregava nos bolsos, e não se fazia de rogado para recitá-los ou permitir que fossem copiados.”⁷

⁵Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry (Londres, 1775), prefácio, s/n.

⁶« Anecdote », termo do Dictionnaire de l'Académie française (Nîmes, 1778).

⁷ Archives de la Bastille, Bibliothèque de l'Arsenal, ms. 11683.

Quando começou a escrever *Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry*, Mairobert foi até o seu estoque de anedotas, e dali retirou a mais famosa delas sobre Mme. du Barry e Luís XV. No parágrafo em que fala dessa história, ele explica que a encontrou numa gazeta escrita à mão:

Encontramos no jornal manuscrito, que frequentemente nos tem ajudado a reunir fatos de nossa história, uma anedota do tempo de Madame do Barry, de onde podemos inferir qual era a opinião pública acerca de seu domínio sobre o rei. É datada de 20 de março de 1773. “Reportamos um acontecimento testemunhado pelas cortesãs, que comprova que a senhora condessa do Barry não diminui em nada sua intimidade com o amante real, como se supõe. Sua Majestade gosta de preparar seu próprio café e de relaxar nessas atividades inocentes, alheias às laboriosas ocupações de governo. Há alguns dias, a cafeteira começou a transbordar enquanto Sua Majestade distraía-se com outra coisa. ‘Ei, França, atenção! Teu café está derramando’, exclamou a beldade do rei. Diz-se que a apóstrofe, ‘França’ era a expressão corriqueira utilizada por essa dama na intimidade das câmaras reais, cujos detalhes não deveriam vir à luz, não fosse a malícia dos cortesãos.”⁸

Depois de muitas transformações, essa história emigrou para Quebec, onde a encontrei em 1980 sob a forma de história em quadrinhos:



Figura 01: O episódio do derramamento de café retratado numa moderna revista em quadrinhos canadense. Mme. de Pompadour é substituída por engano por Mme. du Barry. De Léandre Bergeron e Robert Lavaill, *Petit manuel d'histoire de Québec* (n.p., n.d. [1970s]), 48.

⁸ *Anecdotes sur Madame la comtesse du Barry* (1775; citação da edição de Londres, 1776), p. 215.

O artista retratou a amante errada, mas captou o essencial: uma história secreta que revela a que ponto do ridículo chega o rei quando sai da esfera pública e retira-se para a intimidade da sua vida privada, nas alcovas de Versalhes. Ao chamá-lo de “A França”, de uma maneira tão vulgar, Mme. du Barry o trata como seu servo ou laçaiio, pois de acordo com o código social da época, um laçaiio da Ilha de França⁹ era frequentemente chamado por “La France” por seu senhor. Uma anedota como essa, fácil de lembrar e engraçada de contar, deve ter marcado o imaginário coletivo da época.

O que podemos concluir? Não me atrevo a dizer que boa parte da população francesa conhecesse o ‘Ei, França, atenção! Teu café está derramando’, às vésperas da Revolução Francesa, mas essa frase, sem dúvida apócrifa, difundiu uma “certa ideia da França”, reforçando a mitologia de reis indolentes à frente de uma monarquia degenerada. Seria um erro, em minha opinião, entrever nisso tudo certo espírito revolucionário. Prefiro considerar as anedotas como elementos de um sistema de comunicação típico das sociedades do Antigo Regime. Identificá-los com os *blogs* modernos seria incorrer em anacronismo evidente. Mas a semelhança é forte o suficiente para lembrar que a “sociedade de informação” não nasceu ontem. Toda sociedade nutre-se de informação, cada uma a seu modo.

⁹Província francesa que comportava uma porção de cidades ao redor de Paris e que ficava sob autoridade direta do Rei. N.T.